

# INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE ESPANHOL

Joziane Ferraz de Assis\*

## Resumo

Este artigo pretende mostrar porque a Abordagem Comunicativa Intercultural, proposta por Mendes (2004), deve ser valorizada no ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE). Os documentos oficiais brasileiros que norteiam o ensino da língua na educação básica preconizam uma visão abrangente para seu ensino, considerando-se sua diversidade linguística e cultural. Para lograr tal intento, os diálogos culturais se configuram, a nosso ver, como um bom ponto de partida. Resume-se então a razão para a aplicação da Abordagem Intercultural (op. cit.) nas aulas de ELE. Inicialmente, traçaremos um breve percurso da evolução do conceito de cultura (CUCHE, 2002). Posteriormente, destacaremos os pontos principais da proposta da interculturalidade. Finalmente, mencionaremos as contribuições que tal Abordagem pode trazer para o ensino/aprendizagem de Espanhol.

**Palavras-chave:** Espanhol Língua Estrangeira. Interculturalidade. Cultura

## INTRODUÇÃO

Muitos teóricos afirmam que aprender uma língua estrangeira (LE) é muito mais do que aprender seu sistema linguístico, assim como o papel da escola vai muito além do ensino de conteúdos acadêmicos. Ensinar uma LE, portanto, é possibilitar novas formas de ver o mundo, dar oportunidade de conviver com o diferente, enfim, oferecer condições de compreender as informações com um outro olhar, com um ponto de vista a mais. É necessário reconhecer que a aprendizagem de LE tem uma função social (FIGLIOLINI, 2004; KLEIMAN; MORAES, 2002; PARAQUETT, 2007; PINHEL, 2004; SERRANI, 2005).

Tal papel social do ensino de línguas estrangeiras também é amplamente discutido nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM* (BRASIL, 2006), documento oficial do Ministério da Educação do Brasil, que busca, como o próprio nome sugere, oferecer orientações para o ensino de todas as disciplinas dessa etapa. Também os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1999) tratam dessa questão. A partir de sua leitura, observa-se uma visão discursiva do ensino de LE, pois nele se estimula o desenvolvimento de outras competências que não somente a gramatical, como a competência sociolinguística. Isso traz como consequência maior valorização dos aspectos culturais inerentes a toda língua. “A aprendizagem passa a ser vista, então, como fonte de ampliação dos horizontes culturais” (BRASIL, 1999, p. 61).

De acordo com a leitura do texto *Conhecimentos de Espanhol*, integrante das OCEM (BRASIL, 2006), a ênfase que se deu, e ainda se dá, aos exercícios estruturais não cabe mais na visão abrangente que se propõe para o ensino de línguas. Conforme essa visão, deve-se pensar o ensino da gramática voltado para sua dimensão discursiva, ou seja, a gramática em uso. Assim lê-se no documento: “O conhecimento gramatical necessário em língua estrangeira deve levar o estudante a ser capaz de produzir enunciados – simples ou complexos – que tenham uma função discursiva determinada” (Brasil, 2006).

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Professora Visitante na Universidade Estadual de Santa Cruz. [joziane@bol.com.br](mailto:joziane@bol.com.br)

De acordo com o texto, a língua espanhola é uma língua “plural”, dada sua heterogeneidade. Assim, a leitura do documento aponta para a necessidade de oportunizar aos alunos contato com as variantes de espanhol além daquela usada pelo professor. Mas com atenção para abordá-las como portadoras de características próprias e fruto de um processo histórico. Dessa forma, os professores serão vistos como “articuladores de muitas vozes” (Brasil 2006, p. 136), em prol da valorização da pluralidade e da quebra dos estereótipos. “O fundamental [...] é que, a partir do contato com algumas de suas variedades, sejam elas de natureza regional, social, cultural ou mesmo de gêneros, leve-se o estudante a entender a heterogeneidade que marca todas as culturas, povos, línguas e linguagens” (Brasil, 2006, p. 137).

Assim, ao valorizar a pluralidade cultural, no trabalho com LE, a aprendizagem adquire um caráter político e histórico, além do caráter social já mencionado. A sala de aula passa a ser um amplo espaço de discussão, em que se dê sentido aos conhecimentos adquiridos, promovendo a experiência da criticidade entre os aprendizes.

## 1. CULTURA

É indispensável comentar a ideia de cultura como suporte para as reflexões e referências sobre o interculturalismo que nos interessa em profundidade. Recorremos a Cuche (2002) que, em seu livro *A noção de cultura nas ciências sociais*, ocupa-se do tema detidamente. Ele afirma, logo na introdução, que se discute muito sobre cultura neste momento e, principalmente, é através dela que se pretende responder a questão das diferenças entre os povos. Na evolução humana, o homem passou da necessidade de adaptação genética para a necessidade de adaptação cultural. Assim, as ações humanas são determinadas culturalmente, inclusive aquelas referentes às necessidades fisiológicas. Tal a importância da noção de cultura para explicar os comportamentos humanos.

Segundo o autor, a ideia moderna de cultura surgiu no século XVIII e, desde então, tem sido fonte de grandes discussões haja vista seu caráter simbólico. Entretanto, fazendo uma genealogia da palavra, constata-se que, bem antes disso, no século XIII, o francês já trazia em seu vocabulário essa palavra. Oriunda do latim, significava o “[...] cuidado dispensado ao campo ou ao gado [...]” (CUCHE, 2002, p. 19); o que se transformou, no início do século XVI, e passou a ser “[...] o fato de cultivar a terra [...]”. Já em meados desse mesmo século, adquiriu sentido figurado, tornando-se então uma faculdade que pode ser desenvolvida. A cultura passa a ser um estado do indivíduo e enfatiza-se a diferença entre natureza e cultura, sendo a primeira inata e a segunda adquirida.

Se os estudos iniciais sobre esse tema foram profícuos na França, o avanço do interesse e das pesquisas sobre o conceito de cultura se deu nos Estados Unidos. Por ser um país de intensa imigração, essa nação se tornou pluriétnica. Observa-se, de acordo com Cuche (2002), que o indivíduo imigrante se identifica, ao mesmo tempo, com a nação e com a comunidade em particular. Os encontros entre culturas, provocados por esse fenômeno, deixam as diferenças culturais mais evidentes.

Interessante notar, segundo o autor, que nos EUA, os estudos culturais seguiram três correntes: a primeira, por influência de Boas (apud CUCHE, 2002), vê a cultura sob o ponto de vista da herança cultural; a segunda corrente estabelece relações entre a cultura, que é coletiva, e a personalidade, que é individual; já a terceira concebe a cultura como sistema de comunicações entre indivíduos.

A primeira corrente preocupou-se em definir os traços culturais como elementos mínimos que formam um conjunto. A união de traços semelhantes recebeu a denominação de área cultural. Essa corrente sofreu críticas por definir limites fronteiriços para as áreas culturais.

Por sua vez, a segunda linha de raciocínio mencionada preconizava que a cultura não existe fora do indivíduo. Sendo assim, são seus comportamentos que caracterizam uma cultura. Afirmavam a existência da pluralidade cultural devido à pluralidade de tipos de personalidades possíveis. Sob esse ponto de vista, o indivíduo não é passivo, dada sua atuação sobre o meio cultural em que está imerso.

A terceira corrente considerava que a cultura deve ser estudada como um sistema, não como traços isolados. Deve-se estudar o presente em uma análise sincrônica. As mudanças sofridas pelas culturas seriam provenientes dos contatos com outras culturas, não por motivações internas. Outro aspecto relevante que se refere a essa concepção é a crença de que os elementos de uma cultura respondem a necessidades do homem, aspecto este em que ela sintoniza com a concepção biológica de cultura.

Adotamos neste trabalho a abordagem interacionista de cultura. No século XX, Edward Sapir (apud CUCHE, 2002) propôs a comunicação interpessoal como a peça-chave para as culturas. De acordo com sua opinião, é na interação que se produz sentidos. “Para ele, uma cultura é um conjunto de significações que são comunicadas pelos indivíduos de um dado grupo através destas interações” (CUCHE, op. cit., p. 105).

Os antropólogos que trabalham nessa linha de pesquisa têm como meta estudar os processos interacionais produtores de culturas. Para tal, é necessário compreender os contextos onde ocorrem as interações. A nosso ver, sua contribuição mais importante para os estudos culturais é considerar a cultura como algo presente na vida das pessoas, com seu dia-a-dia, em suas relações umas com as outras. Vale notar ainda a aceitação da heterogeneidade dentro de uma cultura. Se vários são os contextos em que as pessoas atuam, várias são as suas experiências interpessoais. Consequentemente, um único indivíduo é detentor de múltiplas e diversas marcas culturais. Cuche (2002) ainda esclarece:

A pluralidade dos contextos de interação explica o caráter plural e instável de todas as culturas e também os comportamentos aparentemente contraditórios de um mesmo indivíduo que não está necessariamente em contradição (psicológica) consigo mesmo. Por esta abordagem, torna-se possível pensar a heterogeneidade de uma cultura ao invés de nos esforçarmos para encontrar uma homogeneidade ilusória (CUCHE, 2002, p. 107).

Pensar a cultura como processo dinâmico, que está sempre se transformando, em contato com outras culturas, através dos indivíduos que as expressam, assim deve ser. Vê-se assim que nenhuma cultura é pura, ao contrário, pode-se dizer que elas são “[...] ‘mistas’, feitas de continuidades e de descontinuidades” (CUCHE, 2002, p. 140).

## 2. INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE ESPANHOL

Entendendo-se a ideia de cultura como processo em constante transformação, podemos partir para a compreensão do que seja a interculturalidade na perspectiva do ensino/aprendizagem de espanhol. Vários são os pesquisadores que vêm estudando as relações entre educação, cultura e interculturalidade (CANDAUI; SIMÃO E KOFF, 2006; FLEURI, 2003; MOREIRA; CANDAUI, 2003; VEIGA-NETO, 2003). No entanto, Mendes (2004) nos brindou com um vasto e, ao mesmo tempo, específico, material sobre esse tema, ao desenvolver sua tese de doutorado *Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN): Uma proposta para ensinar e aprender línguas no diálogo entre culturas*.

Para ela, falar de língua, que é historicamente construída, é falar do povo que a utiliza, sua nação, seu território, enfim, falar de cultura. Essa ideia vai de encontro à concepção de língua como algo abstrato, independente de contexto, como é estudada tanto no âmbito de língua materna quanto no de língua estrangeira. Ao contrário, a autora se interessa pela língua enquanto “entidade viva”, que é, ao mesmo tempo, influenciada por e influenciadora da cultura. Assim, língua e

cultura são indissociáveis. Compartilhamos com ela a ideia de que aprender uma língua não representa apenas aprender um código, mas seus usos e sua aplicabilidade. Mendes (2004) comenta o fato de que não só as pesquisas em línguas, mas toda a área da educação abordam o ensino/aprendizagem como processo mais abrangente, que leva em conta a pessoa humana em interação com grupos, vivendo um momento histórico.

Outra questão fundamental sobre a qual discute Mendes (2004), é a participação da (s) cultura (s) do aprendiz no processo, pois, em geral, se pensa só na (s) cultura (s) da língua-alvo e se esquece do diálogo necessário entre a cultura do outro e a sua própria.

Em sua justificativa, ela afirma que

Professores e aprendizes, desse modo, devem aprender a compartilhar na sala de aula, além do conhecimento relativo à língua que está sendo ensinada e aprendida, toda uma rede de conhecimentos e informações que fazem parte dos seus mundos culturais específicos, fazendo de cada sujeito em interação uma fonte complexa e diversificada de conhecimento potencial (MENDES, 2004, p. 16-17).

Dessa forma, a cultura adquire papel de destaque no ensino/aprendizagem de língua estrangeira ou segunda língua (L2), uma vez que será ela a nortear o processo, considerando-se que se ensina e se aprende a língua como cultura, no diálogo com outras culturas.

Tradicionalmente, a presença da cultura nas aulas de línguas estrangeiras restringe-se à apresentação de dados folclóricos, estereotipados sobre a cultura da língua-alvo, sem se considerar a (s) cultura (s) dos alunos. Mas, para mudar esse quadro, Mendes (2004) comenta que é primordial que se saiba o que é cultura e o que está ligado a essa ideia. Esse é o ponto de partida para qualquer iniciativa com pretensões interculturais. É necessário ainda repensar a maneira como se concebe o ensino/aprendizagem de língua estrangeira e promover mudanças no planejamento e na execução dos cursos e, num sentido mais amplo, nas políticas educacionais para a área. Finalmente, deve-se adotar uma postura de defesa do

ensino de línguas vinculado à cultura contra todos os argumentos políticos e econômicos usados em sentido oposto.

Refletindo acerca da relação entre língua e cultura, a autora se remete à antropologia linguística e à etnografia da comunicação, que possuem em comum a ideia de que para se comunicar é preciso muito mais do que usar uma estrutura linguística, uma vez que toda língua se integra a uma realidade social. Trata-se de estudar a língua inserida em um universo de representações, não isolada do mundo que a cerca.

Investigar a comunicação humana, ou seja, o modo como interagimos uns com os outros através da linguagem, é um modo de enxergar o homem vivendo e agindo no seu mundo, do qual faz parte a sua língua. Esse mundo, desse modo, não está fora de nós, ou à parte do que somos, mas ele está em nós, assim como a nossa linguagem (MENDES, 2004, p. 107).

Interessa pensar, de acordo com a autora, como se pode trabalhar em sala de aula sob tal perspectiva, promovendo o respeito à diferença por meio do contato com outras culturas. Este encontro deve se dar em duas vias: “[...] da língua cultura-alvo em direção à língua/cultura do aprendiz e da língua/cultura do aprendiz em direção à língua cultura-alvo” (MENDES, 2004, p. 109).

Antes de tudo, é necessário, de acordo com a autora, planejar as etapas do projeto de aprendizagem com embasamento teórico-metodológico. Vários autores por ela estudados citam a pesquisa informal em sala de aula feita pelo professor como elemento fundamental para a elaboração do curso.

Vale ressaltar, portanto, que num processo de aprendizagem de LE/L2 de acordo com uma perspectiva intercultural, o ‘olhar de dentro’, o conhecimento do que acontece em sala de aula entre professores e alunos, entre alunos e alunos, entre os alunos e os materiais etc constitui a principal fonte de respostas para que possamos construir procedimentos, abordagens e materiais didáticos que possam aproximar os nossos aprendizes da língua que queremos ensinar. Não uma língua que se resume a regras e formas, mas uma língua que é, além de instrumento de comunicação, um passaporte para que o aluno possa viver socialmente em outros ambientes e contextos culturais além do seu próprio (MENDES, 2004, p. 121).

A autora comenta algumas iniciativas de trabalho na perspectiva intercultural, dentre as quais, nos chamou a atenção a iniciativa de Byram (1997 apud MENDES, 2004) que caracteriza a competência comunicativa intercultural por três elementos principais, a saber, a ideia de um falante intercultural, capaz de sair-se em situações de interação e comunicação intercultural, em oposição à ideia de um falante nativo como ideal; a presença de objetivos educacionais, pois a competência comunicativa intercultural ocorre em contexto escolar; e a inclusão de especificações do ambiente onde ocorre a aprendizagem e dos atores nela envolvidos.

Ela parte então para justificar a escolha do termo comunicativa na abordagem que propõe. São quatro os princípios que orientam sua compreensão de abordagem comunicativa.

1) A visão de língua como instrumento social de comunicação, o qual inclui uma rede complexa de fatores lingüísticos (*sic*) e extralingüísticos (*sic*). Língua que, mais do que parte da dimensão cultural, confunde-se com ela; 2) A organização das experiências de ensinar e aprender com foco no sentido, no uso comunicativo da língua, em detrimento da prática excessiva e descontextualizada de estruturas formais; 3) A seleção e produção de materiais com conteúdos autênticos, centrados nos interesses e necessidades dos aprendizes e organizados a partir da realização de tarefas que possibilitem maior interação e desenvolvimento das habilidades comunicativas dos aprendizes; 4) A noção de *competência comunicativa* como um conjunto de conhecimentos e habilidades interconectados e interdependentes, que funciona como uma espécie de gerenciadora dos diferentes conhecimentos que o aprendiz adquire ao longo de sua aprendizagem (MENDES, 2004, p. 152).

Quanto ao termo intercultural, este pode ser entendido como sinônimo de interação entre mundos culturais distintos, promovendo o respeito ao outro e à diversidade cultural. O termo remete, portanto, ao diálogo entre culturas. Agir de modo intercultural

envolve alguns princípios inter-complementares, segundo a pesquisadora, que dizem respeito à maneira como vemos o que é diferente de nós e que está no entorno. Dependendo do modo como vemos o outro, poderá haver empatia ou conflito no encontro entre culturas. A postura dos alunos, segundo ela, deve ser de abertura para o diálogo. “Ser e agir de modo intercultural inclui a atitude de contribuir para que esse mundo que enxergamos, com todas as suas diferenças, transforme-se, torne-se também nosso, faça-nos os mesmos, diferentes” (MENDES, 2004, p. 158).

Outro princípio diz respeito à maneira como nos colocamos no mundo e como vivenciamos nossas experiências. No diálogo entre culturas, é fundamental entender *quem sou no mundo*. Conhecendo-nos, temos condições de reconhecer o outro e, nesse encontro, transformar a subjetividade em intersubjetividade.

Uma abordagem que se pretende intercultural, desse modo, pressupõe também uma atitude, um modo de agir e de ser que deve orientar professores e alunos, instrutores ou aprendentes, para o desenvolvimento da intersubjetividade, de uma postura que reconheça as experiências do outro nas suas próprias experiências ao construir conhecimentos com/na nova língua-cultura que estão ensinando e aprendendo (MENDES, 2004, p. 161).

Um terceiro princípio refere-se à maneira como dialogamos uns com os outros. Esse princípio leva em conta o fato de que a comunicação ocorre em via dupla, em interação.

Para que o processo de ensino/aprendizagem de uma LE/L2, dessa forma, possa permitir aos seus participantes vivenciarem experiências autênticas na/com a nova língua-cultura, é muito importante a interação e o contexto no qual a interação tem lugar. No entanto, é necessário que essas experiências aconteçam em mão dupla, em situação de verdadeiro diálogo de culturas, de modo a transformar o ambiente da sala de aula, ou o ambiente do encontro, num espaço para a difusão da interculturalidade (MENDES, 2004, p. 163).

A autora, então resume a *Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN)* em sete características, a saber: a língua como indissociável da cultura; o foco do processo de ensino/aprendizagem no sentido; a seleção de materiais significativos culturalmente; a ideia de competência comunicativa como integradora de outras competências; o diálogo entre culturas; a presença de professores e alunos como promotores da interculturalidade; a avaliação como processo, ao mesmo tempo, crítica e retroativa. Todas essas características devem ser consideradas, de acordo com a autora, em todos os momentos do processo de ensino/aprendizagem, desde o planejamento do curso até a avaliação.

Dentro da ACIN, Mendes (2004, p. 171) denomina a língua como língua-cultura. Isso porque a língua é um símbolo social e cultural que atua como mediador entre o “eu” e o “outro”. “Nesse sentido, a cultura não está antes nem depois da língua, nem uma dentro da outra, mas estão no mesmo lugar [...]”.

Na ACIN, não cabe mais a tradicional configuração de professor como aquele que ensina e aluno como aquele que aprende porque não sabe nada. Ambos se alternam no papel de ensinar e aprender nos vários momentos do processo. “Assim como na nossa vida cotidiana assumimos diferentes posições e identidades a depender do contexto no qual estamos inseridos e com quem interagimos, também assumimos diferentes modos de agir quando desenvolvemos tarefas, trabalhamos, ensinamos e aprendemos, enfim, quando vivemos” (MENDES, 2004, p. 181). Portanto, entram em questão a autonomia, a criatividade e a cooperação como ferramentas básicas para o ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira.

O ensino da cultura, sob essa perspectiva, pode abordar informações estatísticas, intelectuais e do cotidiano como comumente é feito. Mas, ao lado de tais informações, a abordagem da cultura tem de ser também interpretativa, considerando-se o comportamento humano e os sentidos dados aos símbolos culturais.

Segundo a autora, sua experiência lhe mostrou “[...] que a escolha desse tipo de abordagem, mais flexível e condizente com o caráter heterogêneo e imprevisível da cultura, contribui para despertar o interesse do aluno na língua-cultura que está aprendendo, assim, como para a promoção de situações de interação intercultural mais autênticas e contextualizadas” (MENDES, 2004, p. 176).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que, como professores de espanhol, fazemos muito mais que ensinar um código linguístico estranho ao nosso. Se entendemos a língua como discurso, então a consideramos um fenômeno indissociável do contexto. O encontro entre línguas-culturas diferentes ou entre indivíduos diferentes leva-nos a refletir sobre nossa própria língua, sobre nossa própria realidade. Consideramos que muito tem a contribuir a perspectiva do interculturalismo para o ensino da língua espanhola a brasileiros já que a maioria dos povos que a utilizam como língua materna estão geograficamente próximos do Brasil e apresentam, assim como nós, o percurso histórico da colonização e das lutas por independência, que, em alguns aspectos, verificam-se até hoje.

O fato de estudar espanhol como cultura pode favorecer maior participação dos alunos e consequente interesse pela disciplina, a partir do momento em que estes se reconhecem em sala de aula e passam a ver a língua do outro como elemento de interação com outra (s) cultura (s), destruindo velhas concepções e estereótipos marginalizadores. Tão importante quanto esse aspecto, aprender a LE em sua dimensão discursiva pode promover a aprendizagem efetiva da língua, eliminando-se a necessidade de memorizações descontextualizadas tão comuns nas escolas brasileiras. Dessa forma, é possível encontrar um resultado positivo na aprendizagem da língua espanhola por alunos brasileiros.

**INTERCULTURALITY AND SPANISH LANGUAGE TEACHING**

**Abstract**

This paper aims to show why the Intercultural Communicative Approach, proposed by Mendes (2004), should be valued in Spanish language teaching as a Foreign Language (SFL). The official Brazilian documents which guide the teaching of this language in basic education has a wide view for its teaching, tanking into account its linguistic and cultural diversity. Thus, the cultural dialogues are, in our point of view, a good start point. So, this is why we should apply Intercultural Approach (op.cit) in SFL. First, we will describe the evolution of the concept of culture (CUCHE, 2000). Secondly, we will highlight the main aspects interculturality. Finally, we will talk about the important contributions this approach brought to Spanish learning and teaching process.

**Keywords:** Spanish Foreign Language. Interculturality. Culture.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, v. 1, 2006, 239 p. cap. 4, p. 125-164.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999. 132 p.

CANDAU, V. M.; SIMÃO E KOFF, A. M. N. *Conversas com... sobre a didática e a perspectiva multi/intercultural*. Educação e sociedade. Campinas, v. 27, n. 95, p. 471-493, mai/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 13 dez. 2007.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Tradução de: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002. 256 p.

FIGLIOLINI, M. C. R. A utilização de estratégias de aprendizagem de compreensão oral em LE no curso de Letras. In: CONSOLO, D. A.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Org.) *Pesquisas em lingüística aplicada: Ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 183 p. cap. 5, p. 109-130.

FLEURI, R. M. Intercultura e educação. *Revista brasileira de educação*. Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, maio/ago. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=pt&nrm=i](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=pt&nrm=i)>. Acesso em: 18 dez. 2007.

KLEIMAN, A; MORAES, S. *Leitura e interdisciplinaridade. Tecendo redes nos projetos da escola*. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002, 191 p. p.22-56.

MENDES, E. M. *Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN). Uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo entre culturas*. 2004. 440 p. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 2004.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos. *Revista brasileira de educação*. Rio de Janeiro, n. 23. p. 156-168, mai/ago 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000200012&lng=pt&nrm=i](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200012&lng=pt&nrm=i)>. Acesso em: 18 dez. 2007.

PARAQUETT, M. El abordaje multicultural y la formación de lectores en el aprendizaje de español lengua extranjera. In: ZIMMERMAN, R. I. e KELLER, T. M. G. *Cuestiones de literatura, cultura y lingüística aplicada: prácticas en lengua española*. Passo Fundo/RS, EDUPE, 2007, p. 52-70.

PINHEL, C. O. Reflexões sobre a leitura em aulas de inglês como língua estrangeira em uma escola pública. In: CONSOLO, D. A.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Org.) *Pesquisas em lingüística aplicada: Ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 183 p. cap. 3, p. 55-80.

SERRANI, S. *Discurso e cultura na aula de língua. Currículo. Leitura. Escrita*. Campinas: Pontes, 2005. 142 p. pt. 1, cap.1-2, p. 11-46.

VEIGA-NETO, A. *Cultura, culturas e educação*. *Revista brasileira de educação*. Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, mai/ago. 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27502302&iCveNum=737>>. Acesso em: 18 dez. 2007.

Enviado em 23 de janeiro de 2010  
Aprovado em 24 de fevereiro de 2010

